

# VITÓRIA DA DÉCADA CONSTRÓI-SE COM O TRABALHO DE CADA DIA

— Texto integral do discurso do Presidente Samora Machel aos trabalhadores moçambicanos no 1.º de Maio

Publicamos a seguir o texto do discurso proferido anteontem pelo nosso Presidente perante uma compacta multidão de trabalhadores de todos os ramos de actividade aos quais se juntaram milhares de futuros trabalhadores — a Juventude.

Nesse discurso o Presidente Samora Machel referiu-se aos nossos avanços e traçou orientações para prosseguirmos, afincadamente, na luta contra o subdesenvolvimento, para merecermos o futuro por todos desejado.

É com alegria e emoção que saudamos esta grandiosa festa que assinala o Dia Internacional dos Trabalhadores.

No magnífico desfile a que assistimos e cuja organização saudamos vivamente, a firmeza e o entusiasmo dos trabalhadores moçambicanos mostram a inabalável determinação com que todos nos engajamos na batalha da reconstrução nacional e na consolidação do socialismo.

Sentimo-nos verdadeiramente galvanizados por esta força, pela certeza aqui reafirmada uma vez mais — de que o mundo é dos produtores.

Saudamos a presença entre nós das várias delegações que neste Primeiro de Maio vieram expressamente trazer-nos o calor da amizade e a solidariedade militante das organizações e países irmãos que representam.

Referimo-nos às delegações do Congresso dos Sindicatos do Zimbabwe, do Congresso dos Sindicatos da África do Sul, da Confederação dos Trabalhadores de Cuba, da Inter-Sindical de Portugal e da União dos Sindicatos da Checoslováquia.

Sejam bem-vindos à República Popular de Moçambique, zona libertada da Humanidade.

Temos a certeza de que, de regresso às vossas sedes, serão intérpretes fiéis dos nossos sentimentos de amizade fraternal para com os trabalhadores dos vossos países. Levem convosco os nossos cumprimentos, a nossa solidariedade, a nossa amizade.

Saudamos de modo especial a participação nesta jornada dos Movimentos de Libertação Nacional, dos representantes das forças democráticas e progressistas de países que lutam contra a opressão fascista, dos cooperantes e trabalhadores internacionalistas que participam no esforço de reconstrução nacional da República Popular de Moçambique.

Amigos, camaradas,

Com esta comemoração, os operários, os camponeses, os trabalhadores moçambicanos reafirmam-se parte do combate intransigente que os trabalhadores de todo o mundo realizam contra a opressão, a exploração, o imperialismo e os seus desdobramentos de vanguarda que são o colonialismo, o racismo, o apartheid, o sionismo e actualmente o expansionismo.

Os trabalhadores moçambicanos reafirmam-se parte do exército gigantesco e cada dia mais numeroso que se bate pela liquidação da humilhação, da dependência, do subdesenvolvimento, e que se bate pela construção e consolidação da liberdade, da justiça, da paz, do progresso num mundo novo.

O 1.º de Maio que festejamos hoje é o primeiro da Década da Vitória sobre o Subdesenvolvimento. Por isso, para nós, este 1.º de Maio tem um significado especial.

Hoje, desfilaram aqui trabalhadores que têm um objectivo claro, que têm tarefas precisas, que declararam guerra ao subdesenvolvimento. Declarar a guerra não significa ter já vencido a guerra. Lançar o combate não significa ter já realizado o combate. Definir os princípios não significa que já os materializámos.

A vitória da década exige de todos nós o engajamento consciente, exige um combate permanente. Permanente e renovado, com formas novas. Permanente não de forma rotineira.

É preciso que cada um se identifique com os objectivos e tarefas da década.

Identificar-se com os objectivos da Década significa estar na aldeia comunal com uma tarefa concreta; estar na machamba consciente dos produtos que quer produzir; estar na fábrica bem mantida, limpa e em funcionamento permanente; estar na escola a transmitir os conhecimentos necessários, científicos, a transmitir o valor do estudo, da necessidade profunda de ter a mentalidade nova, da necessidade de se libertar totalmente de todo o tipo de complexos. Significa ser vigilante na sua casa, organizado. É preciso assumir o combate de uma forma consciente. É preciso saber que a vitória ganha-se em cada dia, constrói-se em cada hora, em cada minuto, em cada segundo.

A batalha contra o subdesenvolvimento trava-se em todo o lado: na pequena machamba, no grande projecto de ferro e aço, na pequena baragem que é preciso construir com meios locais, no complexo agro-industrial, melhorando os métodos de produção e diversificando os de

seu trabalho, o seu esforço, a sua dedicação. As nossas palavras de ordem não podem ser palavras vazias, sem conteúdo prático. Não são para as papaguearmos. São para as vivermos, para as materializarmos.

Não pode haver distância, nem sequer de 2 milímetros, entre as pa-

lavras e a acção, entre o que afirmamos e o que realizamos.

Materializar as nossas palavras de ordem significa: libertar a nossa iniciativa criadora; engajarmo-nos nas tarefas concretas; vencer os obstáculos; vencer as dificuldades; vencer o fatalismo; atingir os objectivos traçados.

Temos objectivos claros. Quando dizemos liquidar o subdesenvolvimento estamos a dizer: liquidar a fome, eliminar a nudez, vencer a ignorância e o analfabetismo; liquidar o andar descalço, o pé descalço, conquistar o bem-estar e a felicidade, construir o socialismo.

Lançar o combate significa assumir a necessidade de aceitar sacrifícios, de vencer obstáculos, de vencer dificuldades, vencer a preguiça mental, de investir hoje o seu esforço para colher os resultados mais tarde.

Alguns, os impacientes, os preguiçosos, querem ver resultados, mas ainda não lutaram, ainda não produziram. Mas já querem resultados.

Pensam que basta proclamar a Década da Vitória para terem os resultados da vitória. Pensam que basta a palavra e que não é necessária a acção. Transformam a palavra de ordem em oração e esperam o milagre. Querem colher sem ter semeado o

São estes objectivos que o inimigo pretende impedir-nos de atingir. Na nossa zona, o instrumento principal do imperialismo é o regime racista, minoritário e colonialista de Pretória. Agrade-nos para cumprir a missão que o imperialismo, o «papá», o «chefão» lhe confiou: Destruir a nossa independência, desestabilizar a nossa economia, destruir a nossa soberania, destruir a nossa liberdade, travar o nosso desenvolvimento, obrigá-nos a permanecer com a fome, a nudez, a miséria, a ignorância, a doença, na pobreza.

As agressões dos racistas encontram-se em aldeias comunais, nos bairros comunais, para defender os nossos filhos do massacre e as nossas casas da destruição.

Saudamos a determinação e a coragem do nosso povo face a esta escalada do imperialismo.

A vitória organiza-se. A vitória prepara-se.

Organizar a vitória significa: inventariar as nossas necessidades, inventariar os nossos recursos, recursos humanos e materiais, definir os nossos objectivos, a curto, médio e longo prazo, determinar as tarefas e distribuí-las, traçar as metas de cada sector, de cada empresa, de cada unidade de produção e assegurar o seu cumprimento.

Em síntese, organizar a vitória da batalha contra o subdesenvolvimento significa planificar a nossa vida, o nosso trabalho.

O Plano começa na vida de cada um de nós. Quem não sabe planificar a sua vida é também incapaz de planificar a vida da fábrica.

O que quer dizer assumir o Plano, a organização, a disciplina, o valor e a importância da pontualidade. Significa assumir a importância da execução das suas tarefas, a consciência das suas responsabilidades.

Em cada sector, assumir o Plano é compreender a importância de cada tarefa no conjunto de todas as tarefas do país inteiro. É assumir o significado da unidade nacional, da unidade de classe de todos os trabalhadores.

Recentemente, desencadeámos a 2.ª campanha da Ofensiva Política e Organizacional. Qual era o objectivo desta campanha? — Através desta segunda campanha medirmos o nível da nossa consciência. Infelizmente ainda não existe, os cientistas ainda não inventaram um termómetro para medir e conhecer o nível de consciência de cada um.

Mas há um critério que é válido: é a prática. É o comportamento de cada um, é o sentido de responsabilidade de cada um no seu sector.

É aí que medimos o nível de consciência de cada um, o sentido de responsabilidade de cada um; por isso nesta segunda campanha avaliámos o grau da nossa organização, analisámos a forma como está a ser cumprido o Plano Estatal 1981.

Verificámos avanços. É verdade. Estamos melhor organizados do que na primeira campanha da Ofensiva Política e Organizacional. Isto porque durante a primeira campanha fomos capazes de bater.

Fomos capazes de pegar no martelo, bater nos dedos, bater nas mãos para que o inimigo largasse o volante. Então a nossa economia, a nossa direcção, a nossa planificação, deixaram de ser conduzidas pelo inimigo.

O inimigo tinha as mãos no volante. Não queria largar. Então o que fizemos? Batemos nos dedos com o martelo. Largou. Mas deixou com quem? Deixou com agentezinhas. Quando nós batemos era para deixar o volante nas mãos do povo. Oçam: o povo ainda não tem o volante nas suas mãos. Está com agentezinhas. Estava aí a CIA, não é verdade? Vieram os «boers» através dos agentes da CIA. Não é verdade? No dia 14 de

Fevereiro não viram aqui os agentezinhas? Mas mal escondidos, eles são como os macacos. Quando ao macaco lhe aparece a cobra, ele fecha os olhos e pensa que já tem o corpo escondido. Por isso estes agentezinhas foram apanhados com o corpo de fora. Agora estamos melhor, estamos melhor organizados. Conhecemos melhor a nossa realidade, os nossos recursos, as nossas potencialidades. Em muitos sectores aumentámos a produção e a produtividade. Encontrámos empresas e serviços que merecem louvor, pelo trabalho desenvolvido, pelo seu grau de organização, pelo nível do cumprimento do Plano, pelo aumento da produção e da produtividade: Brigada da Construção de Regadio de N'guri em Cabo Delgado; Encatex Provincial de Cabo Delgado, foi louvado; Aldeia Comunal de Muária, em Cabo Delgado; Empresa Estatal de Comercialização Agrária da Província de Cabo Delgado; Armazenista Distrital do distrito de Montepuez. Senhor Gulamhussene, privado, foi louvado; EMOCHA, província da Zambézia, foi louvado; EFRIPEL, com sede em Quelimane; Complexo Agro-Pecuário do Lioma, na província da Zambézia; Distribuidora de Materiais de Construção, DIMAC, província de Tete; Empresa Nacional de Carvão de Moçambique, CARBOMOC, com sede em Mostize, Tete, atingiu os índices mais altos antes do tempo, sem acidentes; Rodoviário de Moçambique Centro — ROMOC, com sede na Beira; Empresa de Citrinos de Manica, com sede em Chimoió; Avícola «Guerra do Zimbabwe», no distrito de Manica, não só melhorou os seus métodos de trabalho como conseguiu manter-se em funcionamento durante a guerra de libertação do Zimbabwe; Unidade de Direcção de Carnes, do Ministério da Agricultura; Projecto FO-2 (Plantações Florestais para a Produção de Lenha e Carvão), na Moamba, província do Maputo; Unidade-Piloto da SOGERE na Namacha, província do Maputo; Fábrica Têxtil RIOPELE, na Manhica, província do Maputo; Fábrica de pneus MABOR, na cidade de Maputo; Fábrica de Bicicletas, na cidade de Maputo; Fábrica de Óleos Ginwala, na cidade de Maputo. As máquinas estão velhas, mas o segredo está no homem. Os homens que trabalham na Ginwala merecem a nossa admiração. Todos eles nasceram com a fábrica. A fábrica tem 50 anos e eles também têm 50 anos.

Vejam o homem novo com 50 anos: Porquê? Porque é organizado, disciplinado, pontual, altamente sensível aos problemas do Povo.

Em algumas outras fábricas há trabalhadores jovens mas com ideias velhas.

Nesta campanha encontramos também a sobrevivência de situações que já tinham sido detectadas na 1.ª campanha da Ofensiva. Encontrámos ainda situações de desorganização, em algumas empresas, desleixo, desmazelo, relaxamento, irresponsabilidade, indisciplina, imp pontualidade, apatia, inércia, roubo, dormir nas fábricas. Sair de casa e dizer aos filhos, dizer à mulher que vai trabalhar quando vai dormir na fábrica.

(Continua na página seguinte)



tram a resposta pronta e firme dos trabalhadores, de todos os trabalhadores moçambicanos. Por isso saudamos-vos.

Saudamos-vos com calor, saudamos-vos com carinho e com admiração. Em vós saudamos o Povo trabalhador, o Povo heróico.

Saudamos os trabalhadores fardados, que têm a missão de defender a nossa soberania, o nosso país, as nossas conquistas.

Saudamos os trabalhadores que se organizam para defender da agressão e da sabotagem as nossas machambas, as nossas fábricas, as nossas empresas, os nossos portos, os trabalhadores que se organizam nas

lavras e a acção, entre o que afirmamos e o que realizamos.

Materializar as nossas palavras de ordem significa: libertar a nossa iniciativa criadora; engajarmo-nos nas tarefas concretas; vencer os obstáculos; vencer as dificuldades; vencer o fatalismo; atingir os objectivos traçados.

Temos objectivos claros. Quando dizemos liquidar o subdesenvolvimento estamos a dizer: liquidar a fome, eliminar a nudez, vencer a ignorância e o analfabetismo; liquidar o andar descalço, o pé descalço, conquistar o bem-estar e a felicidade, construir o socialismo.

Lançar o combate significa assumir a necessidade de aceitar sacrifícios, de vencer obstáculos, de vencer dificuldades, vencer a preguiça mental, de investir hoje o seu esforço para colher os resultados mais tarde.

Alguns, os impacientes, os preguiçosos, querem ver resultados, mas ainda não lutaram, ainda não produziram. Mas já querem resultados.

Pensam que basta proclamar a Década da Vitória para terem os resultados da vitória. Pensam que basta a palavra e que não é necessária a acção. Transformam a palavra de ordem em oração e esperam o milagre. Querem colher sem ter semeado o



# VITÓRIA DA DÉCADA CONSTRÓI-SE COM O TRABALHO DE CADA DIA

(Continuado da pág. anterior)

Que bom pai! Que bom marido! E alguns deles estão aqui entre nós.

Encontramos situações em que o Plano não é assumido, ou mesmo não é conhecido.

Encontramos muitos sectores onde o Plano foi elaborado sem a participação dos trabalhadores. É anti-científico, desprezar a força principal, a única que é capaz de transformar a teoria em prática.

Encontramos graves problemas de escoamento dos nossos produtos. O que significa riqueza que deixamos apodrecer, suor que não valorizamos, divisas que perdemos.

Encontramos métodos incorrectos de trabalho: distanciamento entre a direcção e os trabalhadores, e sobretudo a marginalização do povo. Está ali escrito naquele cartaz, não é verdade? Mas o povo é a força principal e decisiva na Revolução. Esses que marginalizam o povo são a reacção.

Encontramos também autoritarismo e prepotência.

O que é isto de meter medo ao povo para este viver sempre intranquilo e com medo? Há alguns que utilizam métodos fascistas, alguns que em nome do Governo da República Popular de Moçambique, em nome do poder, torturam o povo. Alguns que prendem arbitrariamente as pessoas. Quem assim procede não é da RPM, é um infiltrado. Quero que vocês não confundam este tipo de indivíduos que em nome do Governo, em nome do poder, da autoridade, prendem arbitrariamente, fecham as pessoas durante meses sem serem julgadas. Outros torturam mesmo. Se é polícia, não é polícia da RPM. É um agente. Entenderam? Se ele o faz em nome da Segurança, é mentira. Esse homem era da PIDE.

Verificamos estas coisas que revelam a mentalidade velha, mentalidade que se alegra com o sofrimento dos outros, que faz do sofrimento dos outros a sua felicidade. Quando pegamos em armas nós lutávamos contra isso.

No nosso país, o poder é popular. O povo deve exercer o poder, deve participar na discussão e na decisão. Na RPM há leis, e as leis não são uma pessoa. Na RPM há ética, há respeito pela pessoa, há respeito e dignidade.

Essas situações encontradas são incompatíveis com os nossos princípios, contrárias aos nossos métodos socialistas de direcção.

Constatamos que há sectores particularmente desorganizados, desprogramados, incapazes de exercer a sua função.

É o caso da MADEMO, empresa de madeiras. Em todo o país temos 100 milhões de dólares em madeira que está a apodrecer. Não é escoaada essa madeira, de propósito, deliberadamente, organizadamente. São portanto 3 milhões de contos. Com 3 milhões de contos teríamos falta de alguns produtos para nosso consumo? Com esse dinheiro podíamos construir mais de 3 mil casas. E como entre nós, africanos, cada família, cada casal tem no mínimo oito filhos, teríamos habitação para 24 mil pessoas, o que já é uma cidade.

Mas estão a apodrecer, só em madeira, 100 milhões de dólares. Mas

quando procuramos quem é o responsável nunca encontramos.

A outra empresa é a MECANAGRO. Esta está infiltrada. Há tractores, «bulldozers», tubos para a irrigação que não são distribuídos. Estão lá a enferrujar. Mas também não conhecemos quem é o director da empresa, quem é o chefe dela.

Amigos,  
Camaradas,

São os operários, os camponeses, todos os trabalhadores patriotas do nosso país os obreiros da vitória contra o subdesenvolvimento.

Temos uma força imensa, uma muralha inexpugnável, com um papel decisivo, na edificação de uma sociedade próspera, desenvolvida; na consolidação da paz — na consolidação do bem-estar do nosso povo; na construção do socialismo.

Esta força imensa, esta muralha inexpugnável onde se despedaça o inimigo são as nossas Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.), o nosso exército de operários, de camponeses, de trabalhadores, filhos do povo fardados.

São eles que no dia a dia, defendem a nossa Pátria, a nossa soberania, a nossa independência.

Isto significa que são estas forças que devem: repelir, esmagar qualquer violação da nossa integridade territorial; repelir, esmagar qualquer agressão, venha ela donde vier; garantir e consolidar a nossa Unidade Nacional.

Mas significa também defender, proteger permanentemente a nossa economia; participar, não passiva mas activamente, na batalha da produção.

Porque a Defesa e Economia são duas peças da mesma arma, arma que vai destruir o subdesenvolvimento, arma que vai edificar a vitória do socialismo.

Porque a arma que o nosso soldado empunha tem o mesmo valor que a charrua do camponês, o martelo do carpinteiro, a pá do pedreiro, a picareta do mineiro, a rede do pescador, a seringa do enfermeiro, o livro do professor.

Todos estes instrumentos de combate — nas mãos dos nossos soldados, dos nossos operários, dos nossos camponeses, dos nossos trabalhadores — têm o mesmo objectivo: vencer a fome, a miséria, a ignorância, a doença; vencer o subdesenvolvimento; tornar o país forte, desenvolvido e poderoso.

Por isso dizemos que todos nós — operários, camponeses, trabalhadores, soldados — somos do mesmo exército de milhões de moçambicanos que combate e liquida o inimigo, inimigo que pretende que continuemos subdesenvolvidos; inimigo que pretende que sejamos dependentes; inimigo que pretende que a nossa soberania e independência sejam palavras ocas, sem conteúdo.

Para combatermos estes objectivos do inimigo capitalista e imperialista, as nossas Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.) devem ser um destacamento de vanguarda, forte, poderoso e moderno. E só o podem ser, se a nossa economia se desenvolver de uma forma impetuosa, sólida, firme, segura.

Por isso, repetimos, Defesa e Eco-

nomia são duas peças da mesma arma, duas peças em que uma não pode funcionar sem a outra; duas peças que vivem totalmente identificadas uma com a outra.

Aprendemos a importância desta identificação durante a guerra de libertação nacional; identificação que continuamente valorizamos.

E valorizamos com a participação activa das nossas Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.), na construção das Aldeias Comunitárias e cooperativas, na apanha do caju, na colheita do algodão, no corte da cana-de-açúcar, na montagem e conservação das linhas de electricidade, na limpeza da fábrica, da escola e do hospital, na alfabetização e formação de quadros, na construção dos edifícios, das pontes, das estradas, das barragens, no transporte dos nossos produtos.

É assim que, participando directa e activamente na batalha económica, as nossas Forças Armadas de Moçambique (F.P.L.M.), consolidam a sua unidade com o povo, unidade que é o garante da nossa soberania, da nossa independência, da nossa liberdade, da nossa dignidade de povo livre, trabalhador e pacífico.

Vocês estão silenciosos. Mas queremos dizer-vos que nós temos um programa vasto para que isto seja materializado. Não queremos que as nossas Forças Armadas sejam forças de caserna, forças que se limitam a limpar as botas. Elas devem participar na reconstrução nacional, em todas as actividades. Isto é obrigatório para forjarmos o homem novo, o homem socialista. O homem dotado de amor pelo próximo, o homem com ética, homem com civismo, homem com respeito. Materializaremos isto. O nosso exército será assim, nós queremos que seja assim e será assim.

Mas agora há irregularidades. É por isso que vocês estão ali silenciosos, porque sabem que alguns utilizam a nossa farda e praticam vaquandice, imundície, abusos às mulheres.

Alguns que abusam das vossas filhas, utilizando a nossa farda; engravidam uma, duas, três, quatro raparigas e não casam com nenhuma delas. Este não é o soldado das Forças Populares de Libertação de Moçambique. É um agente infiltrado.

Amigos,  
Camaradas,

A questão central que hoje enfrentamos é a questão dos quadros. Temos de formar quadros para todos os sectores, em quantidade e em qualidade. Esta é uma condição indispensável para termos sucessos na Década, para cumprirmos o Plano, para construirmos o Socialismo.

Os quadros que precisamos de formar têm de ser tecnicamente capazes, dotados de uma sólida formação científica e cultural, têm de ser quadros política e ideologicamente bem formados, quadros totalmente dedicados a servir o Povo, a Revolução, a Pátria, o Socialismo.

E quem pode produzir estes quadros? É a escola.

Os quadros não se produzem como quem faz pão: amassar farinha, meter no forno, cozer, calcular o tempo e tirar. A escola não é padaria.

A matéria-prima que a escola utiliza não é a farinha, não é o matope. É a inteligência e a capacidade dos nossos jovens, dos nossos trabalhadores.

Esta é a matéria-prima mais valiosa, mas é também a mais sensível, a mais delicada.

É a escola que transforma essa matéria-prima: a inteligência é a capacidade. É a escola que molda a personalidade, a consciência do aluno. É ela que estimula e desenvolve a sua inteligência.

A escola é a segunda casa do aluno: ensina-o a compreender os fenómenos da vida, os acontecimentos sociais; transmite-lhe a concepção correcta, científica, sobre o homem e o mundo. A escola forma o aluno não só através dos conhecimentos teóricos que lhe transmite, mas também através da prática e do exemplo dado pelos professores.

Na escola, o aluno deve adquirir, a noção de organização, de higiene, de limpeza do corpo e limpeza mental; deve adquirir a noção do que é a disciplina. Terá ocasião de falar com os pais sobre isto. Hoje não, porque hoje é o Dia dos Trabalhadores e havia de me alongar muito sobre isto.

Queremos saudar aqui os nossos professores, todos aqueles que, do Rovuma ao Maputo, lutando com imensas dificuldades assumem a sua tarefa de forma dedicada e consciente. Parabéns aos nossos professores.

Nos últimos dias, visitámos algumas escolas.

Constatámos, através destas visitas, que as nossas escolas ainda não são aquilo que deveriam ser. O nível do ensino é baixo, o aproveitamento dos alunos é mau, a desorganização e a indisciplina são frequentes, muitos professores ainda não assumem correctamente a sua tarefa de educador, a ligação escola-comunidade ainda não existe.

Como resultado desta situação, as nossas escolas não são ainda, a forja do Homem Novo, Homem Novo que liquida o tribalismo, o regionalismo, o racismo, o obscurantismo, os complexos de superioridade e inferioridade.

É na escola que se criam as condições, as bases para o sucesso de todos os outros sectores.

É na educação que estamos a fazer o maior investimento, ela é a nossa primeira prioridade. Aqui, na República Popular de Moçambique, a maior verba do orçamento do Estado vai para a educação. Por isso a educação não pode ser a tarefa de um só sector — tem de ser a tarefa de todos os sectores, de toda a sociedade.

A responsabilidade da educação recai sobre todos nós.

Temos todos de assumi-la. Todos nós, do Rovuma ao Maputo, temos filhos na escola.

Todos sabemos que o criador de gado, todas as manhãs, vai para o curral abrir a porta para o gado sair e ir comer a erva ainda fresca de orvalho. O criador todos os dias vai ver, de manhã e à tarde, se o gado está bem tratado. Ele trata com cuidado aquilo que é seu. O olho do dono engorda o gado. Não quer que o gado morra por magreza. Quando vemos o gado gordo concluímos que

ele é bem cuidado e bem tratado pelo criador.

Quero que compreendam isto. Quero que compreendam que para sermos bem sucedidos nas nossas tarefas devemos assumi-las com responsabilidade. E nós, como pais, somos responsáveis pela vida e comportamento dos nossos filhos. Vocês não se preocupam em ver como e quando os vossos filhos devem sair de casa para a escola.

É nosso dever acompanhar a vida escolar dos nossos filhos, encorajá-los, orientá-los, organizá-los.

É nosso dever garantir que o nosso filho vá para a escola limpo, penteadinho, vestido correctamente.

É nosso dever controlar o aproveitamento escolar do nosso filho, saber que notas tem. Se tem más notas, saber porquê, discutir com ele as dificuldades que enfrenta. Se não tiverem estes cuidados, os vossos filhos serão marginais.

É nosso dever, igualmente, participar na vida da escola, dar as nossas sugestões, a nossa contribuição activa, o nosso trabalho voluntário, quando ele é necessário.

E porque é que eu falo nisto? Vocês não sabem se as escolas estão limpas ou não. Se os campos desportivos, as piscinas das escolas onde estão os filhos funcionam ou não. Se há jardins ou não. Isto tem consequências graves. Mas eu posso compreender o problema. Trata-se de uma questão cultural. Porque ver o capim, para nós não é ver sujidade. Ainda não compreendemos por que é que nas escolas, hospitais, terrenos vazios, nos passeios, nas creches, devemos cortar o capim.

Mas por outro lado, quando ocupamos casas aqui na cidade, arrancam dos quintais e jardins todas as flores, toda a relva. Queremos plantar milho e feijão.

O camponês semeia o milho na machamba, planta mandioca, abóbora, feijão, na machamba. Nós aqui, nas cidades, devíamos ter flores, relva no quintal. Mas plantamos duas mandioqueiras, plantamos cinco pés de cacana no quintal. O que é que uma pessoa vai fazer com duas mandioqueiras?

Com cinco pés de cacana?

Não há flores no nosso quintal porque perguntamos: «flores para quê? Quando entrei nesta casa havia relva e flores no quintal. Mas arranquei tudo para semear milho, para semear feijão.»

Esta é uma questão cultural.

Mas o camponês lá no campo tem um quintal e não planta aí essas coisas. Planta relva que é para limpar o matope dos pés quando volta da machamba. Mas vocês aqui no Maputo arrancam a relva dos quintais.

Um outro aspecto.

Viemos morar na cidade. Onde existem avenidas muito bonitas como a Kenneth Kaunda. Aqueles que vivem naquela zona conhecem-na muito bem. A avenida está embelezada. O passeio central está todo arrelvado. Aquele relva vem de muito longe. Foi comprada na Índia, em Macau, em Hong-Kong, para embelezar a nossa cidade.

Mas vocês abrem atalhos nesses passeios relvados. Até parecia

que a cidade estava invadida de cabritos!

Os do Conselho Executivo viram muitos atalhos a cruzarem-se; cruzamentos de atalhos no meio da cidade no meio da relva. Então cimentaram certas zonas para servirem de passadeiras. Mas agora vocês já deixam o sítio cimentado e criam outros atalhos. Porquê?

Têm ali o Parque dos Continuados, com jardins bonitos. Têm a Avenida Mao Tsé Tung, muito bonita. Mas quando olhamos para aquelas Avenidas, Kenneth Kaunda e Mao Tsé Tung, vemos muitos carreiros.

Acabam hoje os carreiros e os atalhos. Vocês têm passadeiras para atravessar a relva. Quem for apanhado a abrir carreiros vai pagar multa.

Outra coisa: plantam-se árvores e vocês cortam. Não é bonito ter árvores na cidade?

Nas Avenidas Acordos de Lusaka, das Estâncias, Eduardo Mondlane, plantam-se árvores e vocês cortam.

Os cabritos gostam de se coçar pelas paredes. Não é?

Quando não apanham parede procuram a árvore, o tronco da árvore e coçam-se. Nós não somos cabritos. Temos de defender as árvores. A partir de hoje é proibido cortar árvores na cidade. Quem for apanhado a destruir árvores será punido.

Por isso, meus amigos, se nós formos para as escolas, se nós organizarmos a escola, então criaremos condições para liquidarmos o analfabetismo, matarmos a ignorância. E só liquidando o analfabetismo, mantendo a ignorância, poderemos vencer o subdesenvolvimento e contruirmos o socialismo.

Queremos saudar com calor os trabalhadores que, enfrentando por vezes grandes dificuldades materiais, combatendo os complexos e preconceitos se engajam no estudo, na elevação dos seus conhecimentos.

Por isso parabéns aos trabalhadores — alunos-trabalhadores, adultos que são pais, adultos que já têm netos.

Estão criadas as condições objectivas para a nossa vitória no combate contra o subdesenvolvimento. Temos imensos recursos e potencialidades. Conhecemos a nossa força e a nossa capacidade. Temos uma linha política correcta. Temos o instrumento fundamental que é o Plano: o Plano Prospectivo e Indicativo que define a estratégia para toda a década; o Plano Estatal Central que estabelece as nossas tarefas concretas, anuais, sector por sector. Tudo o que é agora necessário para a materialização da vitória é a nossa determinação, a nossa inteligência, a nossa coragem.

Coragem para vencermos as nossas próprias insuficiências; Coragem para reconhecermos e corrigirmos os nossos erros; Coragem para enfrentarmos e rechaçarmos toda a acção inimiga.

Sabemos que a nossa marcha é longa e árdua. Mas temos a certeza de que o caminho que trilhamos conduz: à felicidade, ao bem-estar, à prosperidade, ao progresso.

Temos a certeza de que nesta Década, venceremos o subdesenvolvimento.

A Luta Continua!  
A Revolução Vencerá!  
O Socialismo Triunfará!

## PRIMEIRO DE MAIO

(Continuado da primeira página)

Numa concentração realizada no centro de Hanói, a que estiveram presentes os principais dirigentes do país, foi feito um apelo à população para que aumente a produção de modo a superar as dificuldades económicas do país.

Os dirigentes polacos promoveram actos comemorativos do primeiro de Maio nas encarregadas as secções locais do partido da sua organização, sem a grandiosidade dos anos anteriores.

O movimento sindical «Solidariedade» recusou-se a organizar actos comemorativos e recomendou aos seus filiados que participassem nos actos oficiais.

Na Turquia as manifestações do Primeiro de Maio estão proibidas e a polícia e o exército deliveram mais de 400 pessoas para evitar a realização de comemorações do Dia do Trabalhador convocadas pela oposição.

A Junta Militar que alcançou o poder através de um golpe de Estado em Setembro do ano passado, declarou o Primeiro de Maio dia feriado, mas proibiu todos os actos públicos. As autoridades estabeleceram um controlo apertado em todas as ruas da cidade.

No Zimbábue, o Primeiro-Ministro, Robert Mugabe iniciou as comemorações na noite de quinta-feira com um comício em Bulawayo, a segunda cidade mais importante do país. Mugabe apelou para a unidade de todo o povo. De tarde, realizou-se uma manifestação em Salisbúria com a presença do Governo.

Milhares de iranianos concentraram-se na

Universidade de Teerão numa manifestação em que foi salientada a necessidade de se alcançar a auto-suficiência económica.

Sete milhões de trabalhadores participaram nas comemorações do Primeiro de Maio no Japão, centrando as suas palavras de ordem nos «perigos do militarismo e do fascismo».

A defesa do nível de vida, da democracia e dos direitos humanos, bem como a igualdade de oportunidades para os deficientes, foram outros temas dominantes das comemorações, convocadas conjuntamente pelas três centrais sindicais mais importantes.

Os acidentes mais graves nas comemorações do Primeiro de Maio ocorreram no País Basco.

A polícia utilizou balas de borracha e granadas de gás lacrimogéneo contra os cascos que exigiam a independência e o castigo dos militares envolvidos no golpe de 23 de Fevereiro.

Os manifestantes lançaram pedras e bombas incendiárias contra as forças policiais em Bilbao, Pamplona, San Sebastian e Vitória.

Em Madrid, as manifestações convocadas em conjunto pelas Comissões Obreiras e pela União Geral de Trabalhadores decorreram com menos participação do que o normal.

A luta contra o desemprego foi o aspecto dominante.

## COMEMORADO COM GRANDE ALEGRIA O DIA MUNDIAL DOS TRABALHADORES

NAMPULA (Delegação) — O Dia Internacional dos Trabalhadores foi tal como nos outros pontos do País festivamente assinalado nesta Província com manifestações políticas, culturais, desportivas e recreativas. As comemorações da efeméride culminaram no Estádio 25 de Setembro com a participação de cerca de 15 mil pessoas que convergiram naquele recinto desportivo em gigantesco desfile, entoando canções revolucionárias e empunhando dísticos alusivos à data, depois de percorrer as principais artérias da Cidade.

O desfile era encabeçado por pelotões das Forças de Defesa e Segurança e integrava as massas trabalhadoras dos vários sectores de actividade e as populações em geral, incluindo a juventude estudantil e cooperantes internacionalistas.

Presidido pelo Primeiro Secretário Provincial e Governador de Nampula, Feliciano Gundana, teve depois lugar no referido local um comício que foi antecedido por actividades culturais e desportivas, consistindo as primeiras em números de ginástica maciça executada por operários, estudantes e elementos das Forças de Defesa e Segu-

rança, e as segundas em danças populares e canções revolucionárias.

A iniciar a reunião foram lidas mensagens das ODM, estudantes, Forças de Defesa e Segurança e dos Conselhos de Produção as quais saudavam a Direcção máxima do Partido e Estado na pessoa do Presidente Samora Machel pela maneira como tem conduzido o Povo moçambicano e reafirmavam o seu engajamento na batalha contra o subdesenvolvimento.

Igualmente foi lida uma mensagem dos cooperantes internacionalistas soviéticos em que saudavam fraternalmente o Povo moçambicano pelo nosso êxito na construção do Socialismo, pelo estreitamento dos laços que unem os nossos países e pelo estabelecimento da paz no mundo inteiro.

Seguidamente realizou-se uma cerimónia de entrega de prémios de emulação socialista a cerca de 90 trabalhadores que, pela sua dedicação e empenho, se distinguiram em diversas unidades produtivas da capital provincial. Os prémios entregues pelo Governador Feliciano Gundana compreendem bicicletas, rádios, relógios, mo-

biliário, artigos de vestuário e de utilidade doméstica.

Usando da palavra, Feliciano Gundana depois de saudar a Direcção máxima do nosso Partido e Estado na pessoa do Presidente Samora Machel, salientou a importância e significado do 1.º de Maio no contexto da Revolução Mundial, recordando particularmente a luta que muitos trabalhadores ainda travam contra a exploração.

Enaltecendo depois a determinação que a massa trabalhadora tem evidenciado para o cumprimento das respectivas metas de produção e o apoio que nos estão a prestar os cooperantes internacionalistas, observou que a efeméride deve servir de ponto de reflexão e análise das actividades desenvolvidas individual e colectivamente e consequente procura de soluções para as dificuldades que eventualmente se nos tenham deparado com vista ao cumprimento cabal do PEC/81.

Por outro lado saudou efusivamente todos os trabalhadores premiados assegurando-lhes que o seu maior engajamento e o seu exemplo serviriam de estímulo para que todos avançassem no mesmo ritmo para a concretização dos nossos objectivos.

Devemos todos — sublinhou — fazer da Emulação Socialista uma base para a superação das nossas metas de produção.

Debruçando-se sobre a segunda Campanha da Ofensiva o Primeiro Secretário do Partido FRELIMO em Nampula frisou que ela constitui uma das componentes da consolidação das conquistas da nossa Revolução e consequentemente o seu carácter é permanente.

Depois, Feliciano Gundana saudou as populações pela forma como estão a participar na apanha, escoamento e comercialização da castanha de caju e referiu a necessidade de participarmos também activamente para que as campanhas que se seguem, de outros produtos estratégicos para a exportação e abastecimento do povo sejam coroadas de êxito.

Ao terminar a sua intervenção, Feliciano Gundana congratulou todos quantos têm participado activamente na limpeza da Cidade e criticou aqueles que não se preocupam com a mesma e nem com as suas próprias casas, recomendando às ODM no sentido de promoverem semanalmente jornadas de limpeza à Cidade.

VASCO FINITA